

TRANSCRIÇÃO ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS DANÇA CONTEMPORÂNEA, UMA TRAJETÓRIA.

01:00:15:29 - ESPETÁCULO

01:00:26:26 - FLAVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Talvez a particularidade da dança contemporânea seja não ter uma particularidade.

01:00:32:11 – ESPETÁCULOS

01:00:37:19 - THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Dança contemporânea no meio é uma dança, a própria dança, é como um campo de invenção o tempo todo.

01:00:43:05 – ESPETÁCULO

01:00:48:28 - FLAVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

É uma invenção de linguagem que não tem um código de uma técnica, de uma referencia única. Ela é um lugar de mistura, de mestiçagem, né?

01:01:00:25 – CLIPE DE ESPETÁCULOS

01:01:40:01- HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Se a gente se afastar um pouquinho, a gente vai conseguir olhar melhor o que está sendo produzido, aí a gente vai ver que o que está sendo produzido é uma quantidade enorme de coisas distintas debaixo desse nome "contemporâneo".

01:01:57:03 – CLIPE DE ESPETÁCULOS

01:02:08:11 - JOÃO SALDANHA - COREÓGRAFO

Acho terrível quando entendem dança contemporânea por um sequencial específico de movimentos que nos últimos, vamos dizer, 15 anos tomou conta de um cenário.

01:02:24:23 – ESPETÁCULOS

01:02:30:27 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Então precisa não ter música, precisa ser no escuro, precisa ter roupa da H&M para parecer roupa trivial, precisa ser de tênis... Se a gente abre mão de buscar uma bula pro contemporâneo, sem ticar o quê que tem, pode ser que a gente vá para as ideias que estão hoje no mundo. O mundo está de um jeito que a gente está tendo dificuldade de entender, então a gente faz muita pergunta, que essas perguntas cheguem na arte.

01:03:03:14 – ABERTURA

01:03:21:14 – VIDEOGRAFISMO

ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS – DANÇA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA, UMA TRAJETÓRIA

01:03:28:02 – IMAGENS ENSAIO BALLET STAGIUM

01:03:52:16 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Sempre que a gente deseja, demarcar com muita clareza, quando começa uma possível história da dança no Brasil, se nós quisermos abrir mão da perspectiva colonial, do colonizador, a gente vai ter que admitir que aqui já tinha dança antes do colonizador chegar, porque aqui já tinha gente.

01:04:20:16 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Então, a extinção de toda essa riqueza cultural que existia impede que a gente diga o que que eles dançavam aqui. Sabemos pouco. Quando é que a gente começa a saber mais? Quando o colonizador começa a se interessar mais pelo Brasil, e isso culmina com a necessidade deles fugirem porque Napoleão tava chegando, imagina, Portugal precisava então, Dom João Sexto veio com a corte rapidinho pra cá; e na corte vieram mestres de dança.

01:04:51:05 – IMAGENS ENSAIO BALLET STAGIUM

01:04:59:24 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Mas isso delimita um marco deste tipo de dança cênica, que é o que vai prevalecer. Nós nos comportamos, por muito tempo, como colonizador gosta, adotando os valores deles.

01:05:15:06 – IMAGENS DÉCIO OTERO E MARIKA GIDALI DANÇANDO

01:05:25:07 - CÁSSIA NAVAS – PROFESSORA E PESQUISADORA

A dança moderna, justamente, ela se estrutura um pouco em rechaço à essa questão piramidal, né? O mestre coreográfico e seus bailarinos, ou o rei, mestre e coreógrafo unido aqui e a corte, e você começa a trabalhar com as subjetividades individuais no mundo moderno.

01:05:46:05 – IMAGENS MARIKA GIDALI DANÇANDO

01:06:00:13 - CÁSSIA NAVAS – PROFESSORA E PESQUISADORA

Por exemplo, a gente tem essas, as bailarinas modernas, que a gente tem várias ainda aqui entre nós no Brasil, por exemplo, uma Angel Vianna ou mesmo uma Marika Gidali, a relação, o empoderamento, digamos assim, já é de um corpo sujeito.

01:06:14:14 – IMAGENS DÉCIO OTERO DANÇANDO

01:06:23:28 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Décio foi um bailarino com carreira internacional, como ele vem de uma tradição muito... Bem estudada por ele do balé clássico, quando ele começa a companhia, ele começa por aí, mas

rapidamente ele percebe que tem alguma outra coisa que precisaria ser feita e que é essa que ele começa fazer, então por isso ele vai buscando uns temas mais brasileiros, mais latino-americanos, e vai buscando esse corpo mais brasileiro, mas latino-americano. Então, o Décio, realmente ele é quem fundaciona, ou seja, dá assim uma fundação para... que tem um desenvolvimento grande, para uma coisa que a gente pode chamar do balé moderno no Brasil. Até hoje ele vai fazendo isso, ele é o nosso mestre do balé moderno no Brasil.

01:07:17:14 – IMAGENS AULA BALLET STAGIUM

01:07:38:15 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Esse balé e essa dança moderna que eram tão sólidas na primeira metade do século 20, continuam muito sólidas até hoje, felizmente, mas depois da segunda guerra mundial, aparece um desejo outro, que aí recebe um nome mais genérico de dança contemporânea ou dança pós-moderna, onde vai caber tudo o que se quiser.

01:08:06:19 – ESPETÁCULOS

01:08:21:23 - FLAVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

E a dança contemporânea, ela tá em outro circuito, né? Ela é feita por artistas que se unem e que criam uma estrutura para apresentar os seus trabalhos e suas investigações, né? Então é raro a gente ver uma dança contemporânea que seja apoiada estatalmente, por exemplo, né? Ela tem mais essa relação de independência com relação a essa ideia de um balé nacional, coisa e tal, e portanto um pouco mais de liberdade.

01:08:54:08 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Por isso que não é mais como era na dança moderna ou no balé, onde era muito grudado a técnica que você aprende, o tipo de espetáculo que você dança. O passo que se aprende na sala de aula, você vai dançar com ele no palco; na dança contemporânea, não. Na dança contemporânea, você pode treinar boxe, natação, fazer parkour, fazer pilates, fazer musculação, fazer N técnicas somáticas... ir pro palco dançar não o que você fez na aula de somática, não o boxe, não a natação, não isso, porque o seu corpo tá motoramente apto para fazer outras coisas.

01:09:40:20 – IMAGENS ENSAIOS E ESPETÁCULOS

01:10:05:21 - JOÃO SALDANHA - COREÓGRAFO

Então fica difícil a gente ter uma clareza sobre, atualmente, sobre o que é e o que se faz necessário como técnica para dançar. É necessário ter algum preparo específico? Eu acho que não, eu acho que não, acho que não precisa de aula de dança convencional, acho que precisa de uma atividade física, vamos dizer assim; e eu acredito que, dependendo do trabalho, você constrói corpos específicos, vai depender da necessidade de cada criador, daquilo que cada criador está determinando como necessário para construir o seu trabalho.

01:10:52:11 – ENSAIO CIA OITO NOVA DANÇA

01:11:20:20 - LU FAVORETO – DIREÇÃO ARTÍSTICA DA CIA OITO NOVA DANÇA

Como eu me vejo criando dança, tem a ver com isso. O código vem - claro, ele é utilizado, todo processo que você vive de um aprendizado de clássico ou de moderno ou de contemporâneo, mas vem submerso, não vem à frente da linguagem. O que vem à frente é mesmo a consciência do movimento e como linkar essa consciência com o que, efetivamente, se tá querendo falar, né? Qual é o teu assunto?

01:11:51:22 - ENSAIO CIA OITO NOVA DANÇA

01:12:14:17 - MARINA CARON – PESQUISADORA E EX-BAILARINA DA CIA OITO NOVA DANÇA

Então quando a gente pensa em técnicas de dança clássica ou de dança moderna, uma coreografia composta por uma sequência de movimentos e que você repete, repete, repete até aquilo ficar absolutamente perfeito e todos os outros repetem exatamente idêntico, e é isso que é coreografia numa maneira pouco refinada de falar, mas é isso. O que a Lu trazia de novidade já era uma coisa que eu pensava um pouco quando eu conheci a Pina Bausch há muito tempo atrás, né? Que é aquela coisa que a Pina fala assim: "não importa como o corpo se move, mas o que faz ele se mover", né? Então tinha um pouco essa ideia de que cada um se move de uma maneira e que a gente pode entrar em comunhão, em semelhança e construir um uníssono, mas não por uma obrigação de uma partitura externa e sim por um desejo interno de comunhão. Então acho que isso tudo trazia para mim um ar fresco porque eu entendia de coreografia até ali.

01:13:23:01 - THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Cada artista da dança é um acontecimento dançado! Então não existe outra dança senão a dança de cada um, e a gente quer mais é que as pessoas cada vez mais ensinem dança sublinhando isso, sublinhando a singularidade e sublinhando o fato de que cada pessoa que dança, que cria ou que interpreta, não importa, ela é absolutamente singular, ela acontece uma vez só.

01:14:00:10 – VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO

01:14:15:11 – VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

01:14:20:26 – ENSAIO NÚCLEO ARTÉRIAS

01:14:32:23 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Mais ou menos no anos 70 no Brasil, começou a acontecer uma novidade, que veio debaixo de um nome, "consciência do corpo", "consciência corporal". Com o avanço do século 20, o avanço nos estudos da anatomia, o avanço nos entendimentos de corpo que vão vindo de diferentes áreas da biologia, da neurologia, da neurociência, da filosofia da mente, da psicologia, da psicanálise, da educação física, da dança, de muitos lugares, vão vindo conhecimentos sobre o corpo e eles vão se juntando e vão parecer nomeados por esse entendimento de que é preciso ter consciência do que que o corpo está fazendo; e muitas companhias passam a usar técnicas somáticas.

01:15:30:06 – ADRIANA GRECHI – DIRETORA E CORÓGRAFA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

Imagina cada movimento, nessa direção da coluna, o quê que tá acontecendo aqui com os ligamentos? As fibras tão condensando, essas fibras aqui de trás também, longitudinal tão dando uma condensada. O que tá acontecendo aqui com todas essas camadas de ligamentos.

01:16:01:09 – ADRIANA GRECHI – DIRETORA E CORÓGRAFA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

A escola pro desenvolvimento da nova dança que eu fiz, que é uma faculdade em Amsterdam, pra mim foi fundamental, é a base, o fundamento do meu trabalho, de como eu opero como artista.

01:16:21:15 – ADRIANA GRECHI – DIRETORA E CORÓGRAFA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

A diretora da faculdade era formada já na época em BMC, que é "Body, Mind Centering" e que até hoje é fundamento do nosso trabalho. Então, hoje a gente vai fazer o nosso alongamento já pensando aqui nos ligamentos. Antigamente se pensava a dança enquanto músculo, desenho no espaço, na educação somática, começaram a pensar também como alinhamento do esqueleto, já uma outra estrutura do corpo, mas o Body mind é um trabalho super completo e que estuda o sistema dos órgãos, o sistema nervoso, sistema dos ligamentos e a nossa dança, eu acho que é muito conectada também a essa experiência dos órgãos, que tão muito ligados ao acionamento dos estados emocionais do corpo.

01:17:34:28 - ADRIANA GRECHI – DIRETORA E CORÓGRAFA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

Isso. Vou testando diferentes velocidades, na minha coluna. A coluna pode acelerar, passando por esses arcos...

01:17:50:15 – BRUNA SPOLADORE – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

Isso fez assim pra mim, do tipo: "nossa!". Dança era esse lugar de osso e músculo e de repente abriu todo outros sistemas corporais assim, né? Então as aulas que eu faço no estúdio Nave com a Adriana são a partir desses princípios do BMC e do BMM, a partir dos sistemas corporais, esse tem sido agora base da criação do meu corpo e da criação de movimento pras minhas danças.

01:18:20:09 - ENSAIO NÚCLEO ARTÉRIAS

01:18:41:20 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Não tem mais separação entre corpo, não é uma coisa que começa do pescoço pra baixo, e mente é um negócio que começa do pescoço pra cima. Que corpo é tudo e a mente é tudo. Então não tendo separação entre corpo e mente, o gesto que você faz, você pode fazê-lo de um jeito mais integrado e não apenas mecanizado.

01:19:09:22 – ENSAIO ESTHER WEITZMAN COMPANHIA DE DANÇA

01:19:42:24 – MIRIAM WEITZMAN – ENSAIADORA DA ESTHER WEITZMAN CIA DE DANÇA

Então, meu primeiro contato com a consciência corporal foi o contato com Angel Vianna, a escola Angel Vianna, onde foi a minha primeira formação, e dentro dessa formação foi aonde eu tive o primeiro contato com a técnica Alexander, no meu primeiro ano de formação. Então,

pra mim, assim, a técnica Alexander caiu na minha vida como uma luva, porque eu questionava um pouco o esforço que a gente fazia para dançar, e um pouco tinha sofrimento, né? Porque cada pessoa, cada bailarino tem um organismo, uma anatomia, e às vezes para ele chegar àquele resultado, ele sofria; e a técnica é uma técnica que traz esse instrumento, né? Pra gente ter mais consciência das nossas possibilidades, de melhorar o nosso uso e consequentemente você vai melhorar sua performance por isso, né?

01:20:39:20 – ENSAIO ESTHER WEITZMAN COMPANHIA DE DANÇA

01:20:44:17 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Inúmeras companhias passam a usar as técnicas somáticas, então o bailarino tem um tempo mais saudável de uma vida longa mais saudável, profissional porque ele entende melhor como é que o corpo dele funciona, porque aí cada corpo tem um jeito de respirar, um tamanho, uma... Cada um, cada um.

01:21:08:12 – CLIPE DE ESPETÁCULOS

01:21:21:28 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Na década de 90 na dança contemporânea, eu acho que o Rio de Janeiro, ele foi bastante pioneiro nisso, mas não exclusivo nesse movimento que foi um movimento nacional do aparecimento de muitas companhias de dança contemporânea, né? Todas essas companhias de dança que surgiram na década de 90, a grande parte delas, a grande maioria delas se organizava como grupo independente, como companhia independente, ou seja, ela não detém, ela não está vinculada diretamente a uma instituição, como por exemplo, o teatro municipal no Rio de Janeiro, né? Ou o teatro Guáira. A companhia de dança sinaliza, ou sinalizava, a necessidade de um trabalho diário, continuado, mantido, né? Por quê? Porque ali tava em jogo se era uma companhia de dança contemporânea, um processo de investigação e de pesquisa.

01:22:17:03 – ESPETÁCULO PALIMPSESTO (2001) – STACCATO / PAULO CALDAS

01:22:35:11 – PAULO CALDAS - COREÓGRAFO

Nesse momento, início dos anos 90, eu me vi na escola Angel Vianna com o panorama da dança recém criado... com início do apoio à companhias pela secretaria municipal de cultura. Teve um momento que tudo aquilo dava condições de possibilidade de existir.

01:23:01:03 – CLIPE DE ESPETÁCULOS PAULO CALDAS

01:23:14:10 – PAULO CALDAS - COREÓGRAFO

Eu acho muito importante marcar essa experiência porque eu não sei o quanto ela é repetível, de você poder ter um coletivo, um coletivo que trabalhava diariamente e foi absolutamente fundamental poder configurar um trabalho sobre essas bases cotidianas, porque toda a minha abordagem diz respeito a pesquisa corporal, e uma corporeidade, ela não se funda... talvez com a suficiente consistência num projeto pontual.

01:24:02:19 - THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

E toda essa investigação, ela necessita, no caso da dança, se ela se dá como corpo, ela necessita encorpar, e para encorpar, ela necessita de trabalho diário, ela necessita de horas de trabalho diário, né?

01:24:15:17 – ESPETÁCULO VÍDEODANÇAS (2010) – STACCATO / PAULO CALDAS

01:24:34:01 – THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Esse número de companhias ele foi, ao longo da década de 90, aumentando, a gente pode citar inúmeros artistas nesse momento assim, como a Esther Weitzman, como a Lia Rodriguez, a Paula Nestorov, tantos artistas, por exemplo, no Rio de Janeiro, que tiveram seus coletivos de criação consolidados nessa época, né?

01:24:57:21 – CLIPE DE ESPETÁCULOS

01:25:15:05 – HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Um dos exemplos que vai numa direção contrária a essa necessidade constante de renovação, de novidades é a companhia Lia Rodrigues e essa obra, "Aquilo de que Somos Feitos", que tem uma estabilidade no tempo muito pouco comum.

01:25:34:24 – ESPETÁCULO AQUILO DE QUE SOMOS FEITOS (2000) – LIA RODRIGUES COMPANHIA DE DANÇAS

01:25:48:25 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

É uma companhia que durou no tempo, só agora, recentemente, por conta da situação do Rio de Janeiro que a companhia não tem mais condição de pagar os salários para os seus bailarinos porque não existe mais prefeitura no Rio de Janeiro dando dinheiro para cultura, mas até agora, a companhia tinha sobrevivido como companhia, e havia um repertório, porque repertório precisa de gente para fazer o repertório, gente que dance o repertório, gente que saiba aquilo ali, e "Aquilo de que somos feitos" faz parte do repertório da companhia, já foi dançado por vários bailarinos, e continua conversando com a gente hoje.

01:26:37:00 - ESPETÁCULO AQUILO DE QUE SOMOS FEITOS (2000) – LIA RODRIGUES COMPANHIA DE DANÇAS

01:26:46:23 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Então, quando tem uma companhia e um certo núcleo no elenco, é possível manter um repertório, e quando se mantém o repertório, no caso do Ballet Staging, o caso do... do grupo Corpo, quando se mantém um repertório, é também uma oportunidade de novos bailarinos se educarem naquelas coreografias, então é perda grande para nós a... rarefação de grupos mais estáveis com os seus repertório. Precisa se manter como grupo para poder manter um repertório.

01:27:21:08 – ESPETÁCULO PARABELO (1997) – GRUPO CORPO

01:27:51:27 – VINHETA - ESTAMOS APRESENTANDO

01:28:07:02 – VINHETA - VOLTAMOS A APRESENTAR

01:28:12:22 - ENSAIO ESTHER WEITZMAN COMPANHIA DE DANÇA

01:28:35:10 – ESTHER WEITZMAN – DIRETORA E COREÓGRAFA DA ESTHER WEITZMAN CIA DE DANÇA

Companhia, né? Muita gente implica com esse nome. Companhia para mim é... É estar junto, é um monte de gente que você adora como pessoa, e como ideias e como criadores, né? E tem as parcerias que ficam sempre. Na verdade, na verdade, eu tenho trabalhado com um monte de gente ao longo dos anos. Num certo tipo de trabalho, é legal aquele elenco. Em outros trabalhos, acho que o perfil já é um outro. Bailarinos que vão e que voltam, né? E aí, eu realmente, a minha escolha é sempre pelos afetos, né? Então, por exemplo, muitos trabalhos começaram com alguma ideia de um livro, de uma pintura, ou de alguma frase, ou de algum sentimento, mas muitos trabalhos também, como o "Territórios" e o "Jogo de Damas", pelos afetos de fato, assim, falar? "Ai, eu gostaria de trabalhar com Felipe, Marcelus, Marcelo Lopes, Gera Dias, Alexandre Franco"... E como é que eu vou fazer pra juntar essa rapaziada toda?

01:29:54:21 - ESTHER WEITZMAN – DIRETORA E COREÓGRAFA DA ESTHER WEITZMAN CIA DE DANÇA

E a mesma coisa aconteceu com as mulheres, com o "Jogo de Damas", né? Depois que eu estreei, as mulheres falaram: "Poxa, mas, você não vai fazer com as mulheres?" Aí eu fui aos pouquinhos, montando o projeto, aí eu consegui fazer esse projeto em 2013 também, né?

01:30:07:14 – ENSAIO E ESPETÁCULO ESTHER WEITZMAN CIA DE DANÇA

01:30:32:24 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Um outro exemplo de companhia que se manteve, buscando um jeito seu de se organizar, é a companhia da Ester Weitzman no Rio. E a gente vai vendo como é necessário ter um lugar para ensaiar, a possibilidade de manter bailarinos. Ou seja, é preciso uma certa estabilidade para que isso dê certo.

01:30:59:25 – ESPETÁCULO H3 (2008) – GRUPO DE RUA DE NITEROI

01:31:11:24 – FLÁVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Esse recorte de danças contemporâneas no Brasil está muito ligado á dança cênica. E a partir de estruturas que vão ser herdadas do balé clássico, como o modo de organização que vão desembocar nas companhias, como os coreógrafos, os bailarinos; essa divisão que desde os anos 90 do século passado, está sendo muito questionada no sentido de, questionada no sentido de que existem outras possibilidades de trabalhar, o trabalho da dança, ele se modificou muito, obviamente, ao longo desse tempo, então essas funções também, elas se modificam.

01:31:51:20 – CLIPE DE ESPETÁCULOS

01:32:31:16 - FLÁVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Eles têm uma artista brasileira muito interessante que é a Dudu de Herman, mineira. Ela é um ótimo caso da gente se perguntar assim aonde que está a companhia de dança, porque ela, durante muitos anos, trabalhou com... Criou a "Bem vindo a companhia de dança" e ela disse que em um determinado momento a companhia dela não acabou, a companhia dela sumiu.

01:32:59:10 – FLÁVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Acho muito interessante a ironia dela de colocar isso que a companhia sumiu porque toca bem em várias questões contemporâneas do trabalho, do trabalho em geral e do trabalho na dança, e dos circuitos na dança, da gente ter que se reinventar e ao mesmo tempo criticar essa precariedade, né?

01:33:30:21 – JOÃO SALDANHA - COREÓGRAFO

Eu não acredito nessa história de companhia, porque companhia significa que você tem que ter recursos para remunerar todas as pessoas envolvidas. Então uma companhia de médio porte vai envolver aproximadamente 15 pessoas. Pensa... Salário para 15 pessoas. Em 2004, eu optei para trabalhar com os bailarinos por produção e não por um corpo estável, sabe, de pessoas. Cada produção, eu convidava algumas pessoas, umas permaneciam, outras saíam, outras entravam. Eu achei que era mais fácil, e foi.

01:34:20:04 – CLIPE DE ESPETÁCULOS

01:34:38:16 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

No caso de João Saldanha e de Márcia Milhazes no Rio, a instabilidade é a companheira dos dois. A carreira dos dois é movida por instabilidades, frequente e contínua.

01:34:55:11 – CLIPE DE ESPETÁCULOS

01:35:04:29 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

E a persistência deles em tentarem continuar com a sua coerência, com o seu entendimento, ou seja, a relação do João com o modernismo do Brasil, a relação da Márcia com os espiralamentos barrocos. A relação de cada um deles com as suas escolhas, apesar das instabilidades que tecem a carreira de ambos, e a troca frequente de elencos e as crises permanentes, e a impossibilidade de manter qualquer coisa, não impediu a manutenção do interesse.

01:35:42:10 – ESPETÁCULO MEU PRAZER (2008) – MÁRCIA MILHAZES COMPANHIA DE DANÇA

01:35:46:20 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

É um outro lado dessa mesma história. Muita instabilidade, mas tem uma espécie de interesse que vai alimentando e vai conseguindo lidar com a instabilidade.

01:35:58:23 – ESPETÁCULO SOMA(2005) – ATELIER DE COREOGRAFIA / JOÃO SALDANHA

01:36:15:23 - JOÃO SALDANHA - COREÓGRAFO

"Soma" é um trabalho de 2005. O "Soma" foi uma provocação, era um trabalho extremamente musical, era um trabalho com uma métrica muito rigorosa. Ele estaria mais enquadrado para a dança moderna do que dança contemporânea, para esse tipo de entendimento. Eu acho ele super contemporâneo. Tecnicamente, ele era muito difícil, mas ele parecia uma coisa assim, muito fácil de ser feita.

01:26:46:14 - ESPETÁCULO SOMA(2005) – ATELIER DE COREOGRAFIA / JOÃO SALDANHA

01:37:01:23 - FLÁVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

O coreógrafo João Saldanha é alguém que eu tenho intimidade de falar do trabalho, por ter participado de alguns trabalhos e quando eu cheguei no "Soma", tinha esse lugar híbrido entre... Por um lado é uma companhia porque a gente está ali trabalhando todos os dias, se encontrando, criando, apresentando, e por outro não é porque os próprios criadores têm os seus próprios trabalhos, fazem outros trabalhos. A gente já chega em um momento de que o trabalho por projeto, ele vai estar muito já entranhado no modo de fazer na dança assim, então acho que é um caso interessante de se pensar essas possibilidades de modo de produção e os problemas disso, né? Quem é que consegue sustentar uma companhia de dança hoje?

01:38:01:25 - ESPETÁCULO SOMA(2005) – ATELIER DE COREOGRAFIA / JOÃO SALDANHA

01:38:25:14 – VINHETA ESTAMOS APRESENTANDO

01:38:40:23 – VINHETA VOLTAMOS A APRESENTAR

01:38:46:10 – ESPETÁCULO SANTA CRUZ (1996) – MÁRCIA MILHAZES COMPANHIA DE DANÇA

01:39:05:15 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Eu frequentei muito os festivais europeus dos anos 90. Então, pude acompanhar toda a relação que estava começando a se estabelecer entre nós e eles. Esse tal nós e esse tal eles. Então era muito evidente que na metade daquela década, em 96, com a bienal de Lyon, que fez do Brasil o seu tema, ficou muito clara a visão que eles continuavam a ter de nós. E também a visão muito clara de que nós continuávamos a ter do que eles esperavam de nós. Então, o artigo foi mais um desejo de passado algum tempo, mostrar como existia alguma coisa nessa relação entre nós e eles que precisávamos prestar atenção.

01:39:59:17 – ESPETÁCULO VAIDADE (2001) – CIA DANI LIMA

01:40:19:16 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Esse estereótipo de que existe uma coisa só chamada dança brasileira persiste pra nós e pra eles. Esse é um traço que o colonizador deixou e a gente ainda não se livrou, a gente não se livrou disso ainda. E todo mundo sabe que é muito difícil dizer o que é um negócio chamado dança brasileira, que não seja pela via do estereótipo, que não seja por essa via de que o brasileiro é alegre, rebola, dança o ano inteiro, todo mundo tem a dança no sangue, na veia,

como se existisse um único tipo de corpo de brasileiro, um único tipo de dança brasileira. Ou seja, isso, hoje, felizmente, mais e mais pessoas já se deram conta disso.

01:41:01:16 – ESPETÁCULO A DISTÂNCIA ENTRE DOIS (2016) – QUASAR CIA DE DANÇA

01:41:17:04 - FLÁVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Então, o que é dança contemporânea no Rio de Janeiro é muito diferente do que é dança contemporânea em Palmas, do que é dança contemporânea no Maranhão, do que é dança contemporânea em Cuiabá e do que é dança contemporânea da França. Vai ser sempre contextual e sempre provisório.

01:41:34:17 – ESPETÁCULO EU E MEU CORÓGRAFO NO 63 (2005) – GRUPO DE RUA DE NITERÓI

01:41:47:18 - FLÁVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

A relação entre dança e pensamento, ela é uma relação muito cara pra dança contemporânea, mas perceba também que, se a gente coloca como dois polos diferentes, dança e pensamento, parece que a dança não tem pensamento. E aí, por exemplo, um esforço muito grande de alguns pesquisadores é dizer que o pensamento da dança é a própria dança.

01:42:11:13 - THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

É impossível você falar de uma pura prática, do mesmo modo como é impossível você falar de uma pura teoria. Então na verdade, é a gente pensar que esses dois termos, teoria e prática, eles não dão conta de dizer aquilo que o corpo manifesta quando ele tá dançando.

01:42:27:10 – ESPETÁCULO 100 GESTOS (2012) – CIA DANI LIMA

01:42:42:12 - ADRIANA GRECHI – DIRETORA E CORÓGRAFA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

Eu pensei em hoje a gente fazer o seguinte, a gente dar uma retomada em alguns textos, algumas ideias que foram fundamentais na nossa investigação. Eu acho que o que mais nos interessa e me interessa também, em arte, é a possibilidade de aprender. E acho que isso só dá pra fazer junto. Eu achei umas anotações de uma palestra da Judith Butler, que ela fez aqui no Brasil. Ela fala sobre o desvio, sobre estar distante das normas. Eu acho que desde que a gente começou a inventar o corpo do Bananas, todo o pensamento da Judith foi fundamental pra inventar aquele corpo estranho, que se desviava das normas de gênero.

01:43:41:25 – ESPETÁCULO BANANAS 15 (2015) – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:44:06:21 – LÍVIA SEIXAS – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

O processo criativo vem muito em relação às referências, a gente vai trazendo várias referências pra essa construção, a gente vai bebendo de várias informações, mas o princípio do movimento vem pela sensação. A gente vai inventando mesmo esse espetáculo junto assim, sabe?

01:44:25:12 – BRUNA SPOLADORE – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

Então, o "Protesto" é a última criação do núcleo Artérias. A gente começou o "Protesto" estudando uma artista cubana chamada Ana Mendieta, que ela tem uma investigação, um estudo que ela faz, artístico, que é quase um lugar de mimetismo assim no qual ela se mistura com a natureza, com materiais naturais assim, quase como se o corpo dela fosse a extensão daquele ambiente natural.

01:45:03:08 – GRUPO DE ESTUDO NÚCLEO ARTÉRIAS

01:45:19:29 - ADRIANA GRECHI – DIRETORA E CORÓGRAFA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

E acho que a gente fez isso em cada um dos trabalhos, acho que cada trabalho veio a partir de uma reflexão do que a gente tava vivenciando no momento nos nossos corpos.

01:45:32:19 – ESPETÁCULO PROTESTO (2017) – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:45:59:19 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

Aquilo que você pensa já está acontecendo no seu corpo. E na hora que você vai fazer algum gesto, algum movimento, é com os seus pensamentos que você faz aquilo, são os seus pensamentos que tão juntos com os seus jeitos de se mexer. Então, dependendo dos pensamentos, o jeito de se mexer vai ficando A, B ou C.

01:46:18:05 – ESPETÁCULO PROTESTO (2017) – NÚCLEO ARTÉRIAS

01:46:24:27 - THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

E é justamente na dança contemporânea que essa combinação, que essa conjunção, que essa rede de relações entre corpo e pensamento, ela acontece.

01:46:34:08 – ESPETÁCULO QUAL É A MÚSICA? (2002) – PAULA ÁGUAS

01:46:46:12 - FLÁVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Mas a gente pode pensar que a dança contemporânea tem essa genealogia, ela nasce justamente de pessoas, de artistas, de pesquisadores, às vezes nem artistas, mas investigadores de outras áreas, que vão se interessar pelo corpo e pelo movimento e por essa invenção de linguagem.

01:47:08:22 - HELENA KATZ – CRÍTICA DE DANÇA

A dança chega na universidade e ela vai se expandindo. Hoje nós temos mais de 35 graduações de dança no Brasil. E por quase 30 anos nós tivemos uma graduação de dança no Brasil, em Salvador. Então realmente foi uma expansão exponencial também imensa, enorme.

01:47:28:20 - THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

Eu acho que a dança, ela tem resistência de ser objeto de estudo e por isso mesmo que ela é inteligente e que ela é muito interessante. Então ela não se torna subserviente à produção acadêmica, muito pelo contrário, ela se oferece de modo muito caprichoso, mas ao mesmo tempo muito interessada e interessante, como campo de pesquisa.

01:47:51:24 - ENSAIO ESTHER WEITZMAN CIA DE DANÇA

01:47:55:16 - FLÁVIA MEIRELES – ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA

Quando a gente fala da dança contemporânea, a gente não tá opondo a outros tipos de dança e nem desqualificando e nem dizendo que é menor ou maior, é simplesmente diferente, habita circuitos diferentes, tem agentes diferentes. Porque, numa dada altura, a gente pensar dança ligada a pensamento, e pode parecer que é mais inteligente do que uma dança de quadrilha ou de uma dança clássica. Então a gente precisa tá com o olho bem aberto pra não cair nessa.

01:48:34:24 – CLIPE DE ENSAIOS E ESPETÁCULOS

01:48:52:22 - THEREZA ROCHA – PESQUISADORA E ARTISTA DA DANÇA

O corpo, quando diz, ele dança. E acho que é inevitável que quando ele dance, ele produza discurso dançado.

01:49:04:21 – ENSAIOS

01:49:16:08 – PAULO CALDAS - COREÓGRAFO

Eu acho que os artistas têm o fazer, acho que esse fazer diz respeito a invenção de outros modos de pensar, invenção de outros modos de sentir, outros modos de existir, enfim. Eu não diria que isso é uma missão, talvez um papel, um lugar talvez, mas uma missão eu não sei. Eu não sei se eu chamaria isso de uma missão, não chamaria isso de uma missão, é um fazer.

01:49:45:07 – CLIPE DE ESPETÁCULOS E ENSAIOS

01:49:52:00 - BRUNA SPOLADORE – DANÇARINA / CRIADORA DO NÚCLEO ARTÉRIAS

Eu acho que eu danço porque foi o modo que eu encontrei de existir no mundo assim, e é o modo em que eu insisto em existir dessa forma, porque eu fui encontrando muitas pessoas incríveis que me ensinaram a deslocar a percepção, me ensinaram que eu aprender a tocar um corpo é tão importante na dança quanto na vida. Então pra mim eu continuo dançando porque eu consigo muito conectar a vida em dança. É muito um fluxo mesmo, eu consigo transitar de um pro outro, quase como água assim, que vai passando de um pro outro assim. Então eu acho que eu continuo dançando pra aprender a existir no mundo, acho que é pra isso.

01:50:44:12 – CLIPE DE ESPETÁCULOS E ENSAIOS

01:51:21:07 – CRÉDITOS FINAIS